

O HERÓI ÉPICO DE ALENCAR: UMA LEITURA DO ROMANCE *UBIRAJARA*

Mirhiane Mendes de ABREU¹

RESUMO *Considerando o projeto de literatura nacional de José de Alencar, este artigo pretende examinar a composição do herói do romance Ubirajara. Na análise desenvolvida, verifica-se a sugestão de narrativa mítica, através de uma ação dinâmica e desimpedida, cuja fonte seria a índole guerreira do selvagem americano, apropriada para uma epopéia. A fim de reforçar tais características, o autor recorre nesse romance às notas, espécie de guia da leitura, uma forma de garantir veracidade ao relato.*

ABSTRACT *Considering the Alencar's national literature program, this article aims to examine the hero composition from the novel Ubirajara. In this text, I had observed that the author suggest a mythic narrative, according to an epic narrative. To reinforce it, the author recurs to footnotes, where he directs the reading and conducts the novel's arguments.*

Descrever as personagens e a paisagem constituiu-se em preocupação constante para José de Alencar, interessado na criação de um estilo para elaborar seus heróis, concebidos por um toque simultaneamente épico e lírico. Dessa maneira, o romancista formulou um projeto de literatura nacional, perfazendo o processo orgânico que abrangesse as distintas fases da história brasileira. Para percorrer essas fases segundo a ótica romântica e idealista, ele retroagiu ao momento da idéia de origem, associando-a à estrutura do mito, no Brasil, correspondente à presença dos indígenas em território nacional e formulou sua muito conhecida trilogia indígena: *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874).

Tentando captar os valores estéticos do seu tempo, Alencar se depara com um problema complexo: todo o povo tem suas façanhas históricas e legendárias desenhadas em termos de uma aventura coletiva, muito própria para ser explorada

¹ Professora de Literatura da Universidade Estadual de Londrina (PR)

O HERÓI ÉPICO DE ALENCAR: UMA LEITURA DO ROMANCE *UBIRAJARA*

Mirhiane Mendes de ABREU¹

RESUMO *Considerando o projeto de literatura nacional de José de Alencar, este artigo pretende examinar a composição do herói do romance Ubirajara.. Na análise desenvolvida, verifica-se a sugestão de narrativa mítica, através de uma ação dinâmica e desimpedida, cuja fonte seria a índole guerreira do selvagem americano, apropriada para uma epopéia. A fim de reforçar tais características, o autor recorre nesse romance às notas, espécie de guia da leitura, uma forma de garantir veracidade ao relato.*

ABSTRACT *Considering the Alencar's national literature program, this article aims to examine the hero composition from de novel Ubirajara. In this text, I had observed that the author suggest a mythy narrative, according to an epic narrative. To reforce it, the author recurs to footnotes, where he directs the reading and conducts the novel's arguments.*

Descrever as personagens e a paisagem constituiu-se em preocupação constante para José de Alencar, interessado na criação de um estilo para elaborar seus heróis, concebidos por um toque simultaneamente épico e lírico. Dessa maneira, o romancista formulou um projeto de literatura nacional, perfazendo o processo orgânico que abrangesse as distintas fases da história brasileira. Para percorrer essas fases segundo a ótica romântica e idealista, ele retroagiu ao momento da idéia de origem, associando-a à estrutura do mito, no Brasil, correspondente à presença dos indígenas em território nacional e formulou sua muito conhecida trilogia indígena: *O Guarani* (1857), *Iracema* (1865) e *Ubirajara* (1874).

Tentando captar os valores estéticos do seu tempo, Alencar se depara com um problema complexo: todo o povo tem suas façanhas históricas e legendárias desenhadas em termos de uma aventura coletiva, muito propícia para ser explorada

¹ Professora de Literatura da Universidade Estadual de Londrina (PR)

por meio da epopéia. Entretanto, por ser este um gênero clássico, não se enquadrava mais ao gosto da sua época, uma vez que o romance anunciava seu apogeu ao refletir a vida moderna, seus valores e costumes. Recorrer ao épico, desse modo, significou reduzir-se ao espírito, ao sopro de uma inspiração e não à estrutura, pois seu prestígio, como gênero literário, associaria e filiaría o romance ao contexto narrativo mais elevado possível².

Como os demais escritores do seu tempo, Alencar procurou abranger em sua obra a elaboração do herói nacional, que traduzisse a aspiração dos valores da identidade incipiente. Como os europeus voltaram-se para a Idade Média, os brasileiros recorreram aos índios, descritos da perspectiva medieval e elevados à posição de objeto estético, que permitisse ao brasileiro a possibilidade de construir um passado condizente com o ideal de liberdade. Objetivando exprimir o caráter da literatura brasileira, o escritor cearense compôs o romance *Ubirajara*, centralizado no mito da origem, a partir do código heróico que a epopéia lhe forneceu, atingindo o programa de trabalho esboçado no decorrer das análises das obras de seu tempo.

Observando a obra em detalhe, percebe-se que a tessitura da narrativa não é tão simples como possa parecer à primeira vista. Paralelamente ao enredo, correm notas, uma espécie de texto didático, em que o narrador, por um lado, documenta os episódios da trama e, por outro, procura separar os “fatos” apresentados pelos cronistas dos seus “comentos” (como está afirmado na “Advertência” da obra em questão³), beneficiando a visão a que ele chamou de “autêntica” da índole dos selvagens. Há, então, duas vozes que se complementam: a primeira é a do “narrador contemplativo”, que apresenta os episódios do enredo; a segunda, do “narrador histórico”, presente nas muito constantes notas de rodapé, e cuja finalidade é, através dos comentários dos textos dos cronistas, missionários e viajantes, imprimir uma espécie de veracidade dos acontecimentos descritos pelo primeiro.

Classifica-se o primeiro narrador de “contemplativo” pela particularidade épica da obra, ou seja, ele narra os acontecimentos de um passado remoto (onde tudo é essencialmente bom), com grande reverência e contemplação por se tratar de seu predecessor. O outro, o “histórico”, é assim denominado por analisar os documentos escolhidos para subsidiar os valores morais levantados pelo anterior. Um e outro se complementam. Para Alencar, portanto, não bastava o caráter épico de sua narrativa, que por si só já seria suficiente para assegurar a elevação do objeto narrado. Era preciso buscar o aval da cultura européia, a qual exerce, por intermédio das notas, plena influência no texto, por ser o espelho no qual se reflete o romance. Trocando em miúdos, é a antiga civilização, através do seu discurso, quem ampara e justifica a energia e a fortaleza dos gestos e das ações do herói do romance, organizado como símbolo nacional. O “narrador contemplativo” posiciona-se a fim de construir a face mais dinâmica da obra. É ele quem vivifica a personagem e suas ações. O “narrador

² WATT, Ian. 1990: 225

³ ALENCAR, José. 1960: 1139

histórico”, por sua vez, enfeixa os elementos levantados pelo anterior, organiza-os a fim de que se compreenda a gênese da narrativa. Com seu olhar poderoso, funciona no texto como censura, que concede a interpretação, da perspectiva romântico-idealizante, “exata”, uma tentativa de guiar o leitor para ele interpretar os fatos históricos pelos caminhos previamente programados, ou seja, consoante ao ponto de vista patriótico então em vigor. Nesse caso, as notas exercem o papel de uma cerca, delimitam o espaço e apontam o percurso para o qual a leitura deve ser dirigida, a fim de se concluir que o romance representa a nossa fundação mítica.

Seguindo os caminhos do primeiro narrador, o “contemplativo”, vemos que *Ubirajara*, no subtítulo, é classificado de “lenda tupi”, da qual devem sair os exemplos para a posteridade. Num país cuja elite desejava esboçar seu caráter, forjar tradições no âmbito do sagrado realçaria os valores que se pretendia atribuir à nação. Para isso, era preciso idealizar o passado e recuperá-lo literariamente como construção de origem, que funcionasse como elemento na formação da identidade nacional e traçasse o processo histórico das raízes do povo de acordo com os condicionamentos do patriotismo romântico. Nesse passado, há um paradigma de caráter, de moral e de valores: o herói, personificação dos valores coletivos, aqui arquitetados sob a forma de mito, cujo papel, decisivo na epopéia, é a realidade viva nas sociedades primitivas, determinando o mundo e o destino dos homens. Com essa perspectiva, o texto é envolvido num ambiente sagrado e peremptório; logo, é o espaço do inquestionável, característica que exprime ares de veracidade ao narrado.

Assumindo a postura onisciente do “narrador contemplativo”, acompanhamos a demarcação da estatura do herói, senhor do ambiente vasto, instaurando, assim, a ordem hierárquica natural do texto. É a partir dessa imagem que se concretiza a soberania do herói, acentuando sua condição guerreira de chefe de nação. Para isso, verifica-se a combinação dos dois narradores presentes desde a abertura do livro, quando o leitor descortina a narrativa pela grandeza do cenário e obtém a natureza selvagem e grandiosa, reveladora da feição da personagem e dos conflitos vindouros:

“Pela margem do grande rio caminha Jaguarê, o jovem caçador.”⁴

Em “grande rio”, a nota: “*Os tupis chamavam assim ao maior rio que existia na região por eles habitada*”⁵. E em Jaguarê, acrescenta outra: “[...] *significa pois onça, verdadeiramente onça, digna do nome por sua força, coragem e ferocidade*”⁶.

A imagem de vasta região sugere a grandeza dos elementos a serem criados pela natureza. Unindo os dois narradores, apresenta-se o herói em plena força. Quando a narrativa volta-se para Jaguarê (primeiro nome do herói Ubirajara),

⁴ ALENCAR, José. 1960: 1140

⁵ ALENCAR, José. 1960: 1190

⁶ ALENCAR, José. 1960: 1191

destacam-se algumas cenas do fastio do caçador, cansado de a todos vencer. Integrado harmoniosamente à paisagem, insinua-se um perfil de plena intimidade com o espaço, inclusive tendo em resposta a seu rugido o urro do tigre e o ronco da sucuri. Desse modo, a natureza subordina-se à autoridade do caçador; logo, é significativo que a abertura do cenário seja eminente, pois é sobre essa eminência que reina o herói. A fisionomia exuberante do rio gera no leitor a impressão de grandiosidade sobre o modo de o homem primitivo apossar-se do espaço paradisíaco e imprime nessa primeira cena o palco onde se travarão os conflitos da narrativa.

A característica do espaço está diretamente relacionada ao projeto alencariano de resgatar as origens do povo para exaltar seus brios, fazendo circular valores identificados com a narrativa para a construção da idéia de nacionalidade. O nome de guerra conquistado através do combate de morte concede ao herói uma caracterização épica, já que esta seria a história da luta pela afirmação de um povo. O mundo de Ubirajara, seus hábitos, seus símbolos, suas vestimentas, tudo assevera as marcas da sua comunidade, representando os valores assentados na sociedade brasileira de então. Quando caçador, o herói se sobrepõe aos mais ferozes animais da floresta e, de antemão, fabrica a lança, marca do seu futuro nome guerreiro. A imagem do objeto como idéia de grandeza e vigor enfatiza e complementa a característica possante do protagonista, desenhada com fundamentos bíblicos, o que reforça a visão edênica com a qual se pintou a imagem do Novo Mundo.

A figuração paradisíaca trouxe para o romance a presença do mito, indispensável numa composição em moldes épicos. Fundamental para conceituar arquétipos de bem e mal, o mito constrói o modelo humano, razão pela qual o narrador contempla Ubirajara de modo respeitoso e o desenha como homem primordial, saído diretamente das mãos divinas. Somando-se a isso, tem-se o fato de o mito, uma vez aflorado, não permanecer em sua forma primitiva, ao contrário, propaga-se e adapta-se ao meio para onde é transplantado, adquire feições locais por ser profundamente popular e nacional, encontrando nas representações figuradas matéria para a sua transformação. Ao construir um romance de fundação, Alencar inventa a origem da sociedade brasileira, engendra o “Adão vermelho”, gerador da nação, e oferece a ela o relato de sua gênese, cuja magnitude é demonstrada através dos feitos de uma personagem grandiosa desenhada pelo “narrador contemplativo”, que, em sua condição de descendente, coloca-se disposto a contar os fatos, de uma ótica idealizante, como deveriam ter ocorrido.

Por esse viés, o indianismo alcança em *Ubirajara* a personificação da imagem do sentimento nacional. E mais: ele capta a necessidade brasileira de se afirmar como um espírito superior ao da metrópole. Fonte verdadeira da poesia brasileira, o índio, ao lado da natureza, possibilitaria a liberdade da poesia local em relação aos cânones europeus, a exemplo da emancipação política, como se expunha nos

alicerces críticos estrangeiros, a exemplo de Ferdinand Denis, para quem a literatura brasileira deveria beber em fontes próprias⁷.

Para a íntegra composição moral e psicológica de Ubirajara, o surgimento da mulher no romance é de suma importância: realça a postura sensível, afetuosa e, ao mesmo tempo, firme do herói, além de surpreender o clima guerreiro em que se encontrava a narrativa. A descrição feminina é, portanto, exemplar: a “*cor de ouro*” da faixa a caracteriza como “*filha da valente nação dos tocantins*”, a “*liga vermelha*” dizia “*que nenhum guerreiro jamais possuía a virgem formosa*”⁸. Beleza e virgindade: a atmosfera de pureza paradisíaca definida com precisão. E serão essas as características de Araci em toda a obra, com figuras esboçadas com frases mimosas e delicadas, num modelo de feminilidade cuja honra é guardar-se para o único capaz de conquistá-la entre os demais. O episódio do encontro entre o casal constitui-se num momento exemplar de evocação do mundo medieval: o cavaleiro e a dama. E, na justa medida da narrativa romanesca, o par amoroso penetra no romance no intuito de estabelecer um estado de equilíbrio harmônico dentro do texto e exprimir o caráter moral e psicológico do protagonista da obra. A despeito disso, mesmo atraído pela jovem caçadora, o herói não cede aos seus encantos logo de início, em virtude do objetivo bélico, prioritário para orgulhar a sua nação. Nada poderia se interpor no seu caminho. Por isso, o narrador interrompe o entretenimento amoroso que se inicia para retornar ao ambiente guerreiro e narrar o combate e a vitória sobre Pojucã, que havia sido aclamado entre os seus “*forte entre os fortes*”⁹.

A vitória de Jaguarê o transforma no guerreiro Ubirajara. Trata-se da sua primeira façanha, nas palavras do narrador. A importância em ser sempre o primeiro é abordada diversas vezes e sob diferentes formas ao longo do romance. A lança de Ubirajara, da qual se extrai o seu nome, por si só daria o caráter do herói imaculado e puro: “*Nenhum guerreiro brandiu jamais essa arma terrível, que sua mão primeiro fabricou*”¹⁰. O seu tapape virgem não poderia ser manchado pela luta com um guerreiro que não fosse digno de conceder a Ubirajara sua respeitosa maranduba de guerra. Conseqüentemente, traçar o adversário com elementos grandiosos funciona como estratégia de engrandecimento da personagem protagonista.

É possível tatear os caminhos escolhidos pelo autor na criação de uma imagem edênica do passado quando observamos os muitos episódios em que o primeiro é afetado como essencial na narrativa alencariana. Iracema, por exemplo, é a “virgem dos lábios de mel”; Jandira e Araci, mulheres que disputam o coração de Ubirajara, são as virgens que guardam o seu seio para o esposo. Aspecto constante nas obras indígenas de Alencar, o caráter virginal está para a mulher assim como a

⁷ CÉSAR, Guilhermino. 1978:38

⁸ ALENCAR, José. 1960: 1141

⁹ ALENCAR, José. 1960: 1142

¹⁰ ALENCAR, José. 1960: 1146

primogenitura está para o homem. Qualidade daquilo que é virgem, imaculado, nunca antes tocado, o mundo casto revela o lugar onde tudo era melhor e mais puro. Essa pureza representa o paraíso, configurando a valorização mais perfeita das origens nacionais. No mundo de inocência, sem o olhar pecaminoso impingido pela civilização, o herói do romance é elaborado no âmbito do mito primordial e as personagens que o cercam acompanham essa arquitetura pomposa.

Para Timothy Brennan¹¹, a localização das tradições nacionais num passado imemorial é uma maneira de situá-las no âmbito do inquestionável. Com isso, cria-se para a pátria incipiente uma idéia de harmonia, de unidade e de consenso, destacando-a do mundo civilizado. E o mito, acrescenta ele, fornece um modelo retrospectivo de valores morais, pois sua função é fortalecer a tradição e dotá-la do prestígio de traçar um passado ainda maior e melhor do que foi a realidade. Além disso, essa característica revela a função primordial da literatura romântica, afinada com o processo de fabulação do país: a de promover, sobretudo, a metáfora edênica como elemento unificador da brasilidade. E mais: acaba se transformando numa esperança, ainda que retroativa, dos nossos infortúnios, pois apresenta a progenitura brasileira em circunstância de grandes feitos. Nesse sentido, na construção do herói, ele é o instrumento das mais altas representações. A concepção romântica da história e da função do herói, pelo que explica Elias Tomé Saliba¹², pressupõe aquela com um caráter providencial, necessária para realizar um plano perfeito e infalível; e este com o privilégio concedido a alguns homens de serem os instrumentos principais da sua realização.

Os movimentos do romance oferecem ao olhar do leitor o mito do ancestral, do original, fornecendo à “nação de história curta, a profundidade do tempo lendário”, como observou Antonio Candido¹³. Alencar adotou o romance como gênero, recorreu às imagens edênicas com traços medievais e filtrou os livros dos cronistas, missionários e viajantes para explicar o começo da História do país, da origem nacional. Mas, ao comparar os atributos do combate às cenas de cavalaria, visando a dar maior dimensão ao acontecimento, o narrador constrói sua narrativa com valores do mundo civilizado, confirmando que também neste romance, embora ambientado no período pré-cabralino, há a presença colonizadora cujos valores são configurados nas assíduas e constantes notas. Nesse espaço, enuncia-se todo o lastro teórico dos toques idealistas que caracterizaram o indianismo, o qual ganhou ares de romance histórico, dada a imensa documentação, bem ao gosto desse gênero. A escolha das referências, no entanto, é submetida às injunções estruturais dos valores épicos que se desejava transportar para a obra.

A admissão do respaldo científico foi o meio mais eficaz para obter a credibilidade no propósito de incluir finalidade instrutiva e moral e garantir a

¹¹ BRENNAN, Timothy. 1990: 57

¹² SALIBA, Elias Tomé. 1981: 45

¹³ CÂNDIDO, Antônio. 1993: 225

pretensão de uma imagem bíblica da gênese americana, a partir de um modelo típico da epopéia. Os elementos da grandiosidade do herói, produto da mitificação do real e da ação guerreira e de importância nacional são rigorosamente conceituados e comprovados direcionando, assim, a leitura sobre os autóctones. As notas são uma estratégia usada pelo autor para dar andamento ao seu projeto de nacionalização e inverter a perspectiva pejorativa difundida pelos cronistas e missionários e fazer do Brasil objeto a ser exclusivamente valorizado, sempre consoante o projeto de elaboração da pátria em formação.

Dessa maneira, as qualidades de chefe atribuídas a Ubirajara concretizam-se através dos momentos decisivos do enredo, nos quais a atuação dele é fundamental para o desenrolar dos fatos. A enumeração de seus feitos contribuem não apenas para o consagrar como guerreiro corajoso, mas também para indicar que suas ações visam apenas à consecução dos objetivos da nação e, por isso, não têm motivação na esfera individual, mas na coletiva. Com isso, é possível inferir ter sido o herói modelado segundo a imagem que se desejava para os homens da nação, pois ele é o amálgama dos caracteres de um povo, elaborado em inesgotável força criadora. É bastante significativa, para essa caracterização, a passagem em que Ubirajara é aclamado o guerreiro, circunstância de grande idealização da personagem pelo narrador. Nesse episódio, ilustra-se a importância do mito da origem na formação da identidade nacional. Jaguarê, o caçador e futuro guerreiro, herói do romance, é filho primogênito de Camacã, ilustre chefe dos araguias, e de Jaçanã, mulher de sangue valioso. O registro da paternidade da personagem principal denota o elevado prestígio do herói, já no ventre engrandecido: desde seus antepassados, passando pela vida de caçador, ele sempre foi o melhor, sempre antecedeu os outros quanto ao tempo (é o primeiro filho), ao lugar (encontra-se no mundo primordial) e em todas as suas atividades, colocando-se adiante de todos em qualidade, posição e importância na prática de qualquer das suas ocupações. Inclusive no momento em que conquista o arco chefe, vencendo Pojucã, o primeiro guerreiro dos guerreiros tocantins, ele supera seu pai e converte-se em Ubirajara, o senhor da lança.

Conquistado o papel de guerreiro, retoma-se na obra a presença amorosa e a idéia da castidade, uma das pérolas do ideário romântico, reforçando, assim, a atmosfera de pureza que envolvia o mundo retratado na obra. Como se sabe, a figura feminina tem nesse período literário um marcante papel. A mulher passa a ser idealizada a partir de duas tendências: a do anjo e a do demônio. A primeira, como anjo, é a purificadora, capaz de enobrecer a alma do homem e fortificá-lo, aproximando-o de Deus: desperta nele a sensibilidade para o belo, encoraja-o na sua missão política ou patriótica, revigora-o moralmente. É a mulher benfeitora, a conselheira, a inspiradora, que reflete a luz divina. Desenvolve-se, pois, a mística do primeiro amor que, por ser puro, é verdadeiro, devoto e alicerçado num ponto fixo: o lar. E em sua sinceridade e nobreza, torna-se uma virtude. No segundo caso, o da mulher como demônio, o amor é febre que consome, é perdição, loucura e, muitas

vezes, tem o sabor de profanação, de vício e destruição¹⁴. Em *Ubirajara*, o amor é enquadrado no primeiro tipo, o angelical, purificado, o que se articula com a importância da virgindade naquele contexto, atributo de garantia de uma raça genuína.

Romance de temática épica, *Ubirajara* obedece a uma das fórmulas mais típicas da estrutura da narrativa: o relato de uma ação central de natureza heróica, enriquecida por episódios ligados à trama nuclear, sendo pelo menos um de essência lírico-amorosa. O romance põe em primeiro plano o desenvolvimento do perfil do herói, provendo-lhe sucessivas provas de demonstração de sua integridade moral. No fundo, o resgate da auto-estima do povo se dá a partir dos valores com os quais pudesse se identificar, jamais, portanto, através de ações não consideradas virtuosas pelo olhar civilizado do narrador, presente o tempo todo nas freqüentes notas de rodapé. As guerras, os combates narrados e mesmo o complicador de praxe que é o triângulo amoroso contribuem para descrever a personagem protagonista como modelo de um universo superior. A fusão das tribos e a união com as duas nobres donzelas conformam a imagem célebre da idealizada ancestralidade brasileira. Alencar, com isso, cria para o país um passado lendário, transformando a história brasileira num mito edênico. Afinal, a pureza só poderia mesmo ser alcançada numa esfera lendária, distante, num passado absoluto, isolado da contemporaneidade, do infinitamente longe. Lá no mundo dos primeiros, que seria o dos potencialmente melhores, onde se encontrariam o apogeu da história nacional, o qual deveria ser guardado na memória, não apenas como uma tradição, mas como um acontecimento sagrado, impenetrável, exemplo do que de mais sublime poderia existir para a formação da identidade nacional brasileira. Por essa razão, esse romance não se restringe à narração de acontecimentos de combate, com seus antecedentes e suas conseqüências. As proezas bélicas assumem aqui o realce da exaltação do heroísmo do indígena, em contraste com o mundo civilizado; contraste esse solidificado nas notas de rodapé. Desse modo, Alencar estabelece e une duas narrativas e dois narradores para inserir os valores de fidelidade, magnanimidade e honra fundamentais para a construção da idéia de nacionalidade brasileira, que tem como um dos seus elementos o índio, o qual, fortalecido por caracteres heróicos, reúne, em termos idealizantes, a fisionomia e a força psíquica almejada para a incipiente nação. A simplicidade da intriga principal do livro contribui para consubstanciar esses valores, determinados por intermédio do diálogo entre os dois narradores e permite ao escritor, em conformidade com o ideário romântico, apresentar a compreensão que tinha do país: reservar o heróico às pretéritas épocas da nossa história.

¹⁴ COSTA, Emília. 1963: 38

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALENCAR, José. (1960). *Ubirajara*. In: _____. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Aguilar.
- BRENNAN, Timothy. (1990). "The national longing for form". In: BHABHA, H. (org.). *Nation and Narration*. London: Routledge.
- CANDIDO, Antonio. (1993). "Os três alencares". In: _____. *Formação da Literatura Brasileira* (momentos decisivos). Belo Horizonte: Itatiaia.
- COSTA, Emília. (set, 1963). "Concepção do amor e idealização da mulher no Romantismo. – Considerações a propósito de uma obra de Michelet", In: *Revista Alfa*. n° 4.
- DENIS, Ferdinand. (1978). "Resumo da História da Literatura no Brasil". In: CÉSAR, G. *Historiadores e Críticos do Romantismo*. São Paulo: EDUSP.
- SALIBA, Elias Tomé. (1981). *As utopias românticas*. São Paulo: Brasiliense.
- WATT, Ian. (1990). "Fielding e a teoria épica do romance". In: _____. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia das Letras: 225.